
O CONCEITO DE MUNDO DA VIDA

Aquiles Côrtes Guimarães - Professor dos cursos de mestrado e doutorado em Filosofia da UFRJ

O conceito do mundo da vida (Lebenswelt) aparece no debate fenomenológico na última fase do pensamento de Eduardo Husserl. E aparece como tema nuclear voltado para a tentativa de discernimento da condição do homem como ser histórico, num momento de intensificação da crise da cultura européia caracterizada pela vivência do espírito revolucionário em todas as suas dimensões. Embora em vários momentos do itinerário do pensamento husserliano possamos identificar a prefiguração da idéia de mundo vida - notadamente na constante preocupação com a necessidade de retorno “às coisas mesmas” - é no conjunto de ensaios dedicados à Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental que podemos identificar um Husserl mergulhado na vivência da crise da cultura ocidental que permeou a primeira metade do século XX, acentuadamente as décadas de vinte e trinta marcadas pelo sentimento de Guerra Mundial, não somente o pós - Guerra (1914-1918) mas, fundamentalmente, o clima que levaria à Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A ambiência histórica vivida por Husserl nesse contexto só poderia contribuir para acentuar no seu espírito o aguçamento de

uma crise percebida desde os inícios da formulação do seu projeto de pensamento, lá na última década do século XIX. Husserl sempre conviveu com um sentimento de crise. No alvorecer da sua formação, a crise de fundamentos das ciências em geral. Essa crise atormentava os espíritos mais lúcidos da segunda metade do século XIX. Lógicos, matemáticos, físicos, químicos e tantos outros abrigados pela ampla bandeira do positivismo se encontram numa escada desequilibrada que não oferece nenhuma segurança em relação a fundamentos.

Por um lado, o triunfalismo cientificista fundado na crença em torno da existência de uma cadeia causal na natureza, capaz de tudo explicar ou melhor, capaz de colocar-se à disposição de tantos quantos acreditavam na articulação das leis da natureza como razão de ser da própria natureza. Por outro lado, o labor daqueles que estão interessados em mostrar que distintas são as leis da natureza – leis materiais fundadas na causalidade – das leis ideais ou do espírito. Aí aparece o psicologismo como o equívoco mais devastador a tentar confundir aqueles que estavam interessados na busca de fundamentos para as ciências e, principalmente, para a filosofia.

Pode-se afirmar que o combate ao psicologismo inaugura o pensamento fenomenológico, a partir da obra seminal de Edmundo Husserl intitulada *Investigações lógicas* (1900/1901). No seu conjunto, essa obra é o ponto de desencadeamento do movimento de pensar fenomenológico, mas a crítica ao psicologismo é a sua movimentação central. Em que consiste o psicologismo? Não custa lembrá-lo mais uma vez aqui. O psicologismo é a absolutização do fato psicológico. Tudo decorre da vida psíquica. Psique é a chave da decifração de todos os mistérios que envolvem a existência humana. Foi a crença de Freud e seus discípulos que continuam por aí enganando a humanidade. Ressalvemos apenas que a contribuição de Freud ao pensamento contemporâneo é de extraordinária relevância, pairando acima das pretensões psicanalíticas que redundaram numa

armadilha ao alcance de qualquer aventureiro disposto a explorar a mente, a psique dos incautos. Mas não vem ao caso essa discussão, bastando salientar que o movimento fenomenológico desenvolve preocupações radicais com a questão da estrutura da existência humana, para além da idéia de fato psíquico como fundamento de qualquer modo de saber.

Husserl desmonta os argumentos do psicologismo a partir da idéia de que nenhum fundamento pode residir no fato, no objeto. E o psicologismo pretendia encontrar os fundamentos de todas as ciências no fato psicológico com o primário argumento de que se a mente (psique) é a única fonte produtora do pensamento – científico – só poderia ser ela o fundamento de todas as ciências. Entra aí a questão das leis da lógica a partir da qual Husserl vai destruir os argumentos do psicologismo.

Vejamos. O suposto do psicologismo é que as leis do pensamento estão fundadas nas leis causais da mente. Se é assim, essas leis estariam soltas no campo da pura probabilidade. Logo, não poderiam disciplinar pensamento. Se as leis lógicas derivam do fato psíquico de pensar, como poderiam essas leis regular o próprio pensamento? As leis do pensamento integrariam um processo causal, que pretenderia constituir-se em regra. Como, se o fundamento é o mesmo? Esta é uma maneira simplíssima de resumir as críticas de Husserl ao psicologismo que prolongarão na idéia de uma lógica pura capaz de superar esses impasses. Mas esta seria outra discussão. Entretanto, ela nos interessa na medida em que mostra a direção da compreensão do mundo da vida. O fato psicológico, a ordem da psique, da mente, em última análise, não pode ser considerado como fundamento, conforme o ponto de vista do naturalismo, alias visto sempre por Husserl como atitude ingênua.

Mas vamos à questão da idéia de mundo da vida na fenomenologia. Antes que tudo, tenhamos presente a primordialidade

atribuída ao “vivido” na reflexão fenomenológica. Importa conhecer o “mundo vivido”, o mundo que percebemos tal qual se manifesta à consciência. Entra aí o papel fundamental da percepção. O mundo será sempre mundo percebido, cuja totalidade não é totalidade dos seus objetos, mas totalidade de horizontes alcançados pela percepção. Por aí podemos adiantar que o conceito de mundo da vida está relacionado com decisiva intimidade à estrutura perceptiva da consciência humana. De um lado, a subjetividade, a consciência intencional iluminadora do mundo, como lugar absoluto da sua auto-evidenciação, do seu esclarecimento; do outro lado, a abertura infinita dos horizontes do mundo.

O mundo é constituído no seu caráter de horizonticidade. Em geral, os horizontes do mundo se reduzem à capacidade perceptiva da pessoa humana. A cada indivíduo é dada a potencialidade intencional da consciência para “descobrir horizontes”. A vivência do mundo da vida será sempre a ocasião de descoberta de novos horizontes. Mundo total é totalidade de horizontes e não de objetos. Esses horizontes são percebidos a partir dos modos pelos quais os objetos se dão à intencionalidade intuitiva da consciência. Ver os objetos como fatos é papel das ciências positivas. Ver os objetos como coisas do mundo da vida é papel da fenomenologia.

Um objeto pode ser visto de inúmeras maneiras, ou seja, de inúmeras perspectivas. Ao passar por uma rua e me deparar com um prédio antigo de arquitetura neoclássica, percebo imediatamente o seu estilo, os modos de concretizar na sua construção o ideário neoclássico e assim por diante. Mas se entro no prédio e alcanço o jardim existente no fundo do espaço por ele ocupado, percebo variações estilísticas e imagens que me mostram sentidos distintos daqueles que me foram mostrados ao passar pela rua. Outros horizontes são percebidos no processo de ideação do prédio, na medida em que percorro os seus contornos, os seus ângulos, os

seus modos de aparecer. E vejo que o mesmo prédio, está situado num contexto referencial formado pela iluminação elétrica, pela rede hidráulica, pela rua, pelo bairro, pelos registros públicos, por obrigações tributárias e infinitas outras referências que constituem os horizontes do seu manifestar-se naquele local. Da mesma forma poderíamos dizer que uma árvore tanto pode fazer parte do contexto referencial de uma floresta quanto das significações que adquire isolada num jardim ou numa planície de pastagens. Assim, quando dizemos que o mundo é constituído de horizontes e o seu caráter é a horizonticidade, queremos deixar claro que quase sempre essa circunstância é obscurecida em razão da força creditícia que atribuímos à razão científica manipuladora dos fatos. Para a razão científica um prédio é um prédio e uma árvore é uma árvore, enquanto objetos de constatação empírica. Para a razão fenomenológica, um prédio, além de ser um fato é um dado, uma coisa, inter relacionada num contexto referencial de significações e uma árvore, além de ser um fato é também um dado, uma coisa que me remete a um amplo universo de significações e sentidos. Ou seja, o que é o objeto não se esgota na explicação científica, mas se amplia infinitamente na abertura de horizontes de significações articuladas no contexto referencial do mundo da vida. E, o que é mais importante, os objetos acima apontados permanecem sendo os mesmos. Ou seja, cada objeto integrante do mundo da vida está aberto à visada imediata da consciência intencional, nos seus infinitos sentidos e significações, mas nenhum objeto deixa de ser o que é. O que é, é, configurado na sua essência. Por mais que persigamos as infinitas variações dos modos de apresentação dos objetos pela via das percepções, por mais expressivos que se manifestem os sentidos dos objetos, eles permanecerão objetos, tais quais estão aí como objetos, no seu ser primitivo e originário.

O mundo da vida é o lugar da doxa, da opinião, da formação das mais variadas idéias a partir do sentimento primitivo. Nada mais

livre do que a opinião, porque ela não guarda qualquer compromisso com a razão. Posso, livremente, ter opinião sobre todas as coisas do mundo da vida. Mas a doxa, a opinião, nasce na evidência primitiva do mundo. Temos, à nossa frente, a experiência originária do mundo. Todas as evidências me são mostradas pela intuição imediata dos objetos. E é a partir daí que tem início toda a atividade no campo da episteme do conhecimento. A doxa nos orienta nos contatos cotidianos que mantemos com o nosso mundo particular, com a nossa vivência imediata, mas é nesse grau “primitivo” de vivência que se instaura a auto-responsabilidade do pensador, do nominado filósofo, termo tão desgastado pela tradição do pensamento ocidental.

Mas é no campo da episteme, ou seja, da ciência, do saber racionalizado, que se desdobram as amplas tentativas de explicações, de compreensões e de entendimento do mundo. Assim, da doxa à episteme vai toda a responsabilidade do pensador. Mergulhados no mundo da vida, compete-nos a obrigação de decifrar os seus enigmas e entendê-lo na perspectiva da sua horizontalidade, isto é, das suas infinitas manifestações de sentidos, de horizontes de possibilidades. É responsabilidade do homem descobrir os sentidos do mundo e ordená-lo de acordo com esses sentidos. É para essa tarefa radical que nos convoca a fenomenologia, enquanto ciência universal, capaz de nos revelar a própria possibilidade do mundo e da existência humana, tão ameaçados pelas racionalidades acumuladas ao longo dos séculos que contribuíram para a simulação ou para o ocultamento dos seus verdadeiros sentidos.

Esse caminho da doxa à episteme, da opinião à ciência, levou a humanidade ocidental ao desvio teleológico do qual já falamos. Da intuição imediata do vivido do mundo, passou-se à idealização do mundo, com a perda conseqüente dos seus sentidos originários. Ou seja, matematizou-se e logicizou-se o mundo da vida, esquecendo-se do seu ser configurado nos sentidos que ele envolve, uma vez que

o ser do mundo da vida só se revela na infinitude dos seus sentidos, o mesmo que dizer, das suas essências.

Tudo isso pode parecer uma simples abstração especulativa. Mas não é. Trata-se de um realismo radical frente ao mundo em íntima relação com o papel fundamental da subjetividade transcendental enquanto espaço de evidenciação.

Lembremos que Kant pretendeu submeter o mundo às exigências do espírito, da subjetividade, dos imperativos da razão. A razão legisla sobre a natureza e sobre a moral, a partir de conceitos a priori. A razão, enquanto faculdade do entendimento, é (seria) a imperatriz do mundo. Toda verdade seria ditada a partir dos “interesses” da razão na sua imperatividade absoluta. É a priori forma do mundo. Antes que tudo, o sujeito humano estabelece as formas do mundo e os modos do comportamento humano. Esta é uma visão formalista do mundo que continua viva em nossos dias, sendo inegável a influência dos desdobramentos do kantismo que se espalha ao longo de toda a cultura ocidental contemporânea. O formalismo ditado pela razão é a arma mais eficaz contra todas as maneiras de subversão da ordem. No universo do pensamento jurídico, o positivismo de Kelsen exalçou-se como a mais notável manifestação do espírito a favor da dominância da subjetividade legisladora no mundo contemporâneo. Porque o seu pensamento está entrelaçado com a idéia kantiana de que a subjetividade deve imprimir à natureza os seus propósitos. Daí, confundir a lei com o direito. Os propósitos do espírito, da mente, da subjetividade, para com a disciplina da organização das relações sociais pela via do Estado, são propósitos que nascem “de cima” e pretendem traduzir o mundo da vida a partir de esquemas idealizantes que funcionem como instrumentos de garantia da obrigatoriedade da coexistência que poderia simplesmente ser traduzida como segurança jurídica.

Pois bem. A idéia fenomenológica de mundo da vida parte do suposto contrário. Ao a priori formal, é oposto o a priori material, ou seja, o mundo da vida como ante-predicativo, como origem de toda racionalidade possível, mas como algo que está aí e constitui a nossa vivência cotidiana e o espaço das nossas percepções imediatas. Não existe qualquer separação entre o mundo sensível, real, e mundo inteligível. Essa dicotomia contribuiu historicamente para disseminar todas as formas de nihilismo no processo civilizatório da humanidade, uma vez que o nihilismo (do latim: nihil=nada) é a atitude espiritual assinalada pela idéia de ausência de fundamentos para o mundo e para o homem. Mundo é mundo vivido na concretude da nossa experiência. Seus fundamentos são descobertos a partir da percepção humana dos seus sentidos, dos seus horizontes. Longe da fenomenologia, o nihilismo. O eu penso, o ego transcendental, não constitui evidências de outro mundo além deste que experiência possível e de toda evidenciação possível. Essa evidenciação se realiza na subjetividade transcendental conforme já afirmamos por várias vezes. Por isso, fenomenologia é, fundamentalmente, Fenomenologia transcendental evidenciadora do mundo da vida a partir das “coisas mesmas” que o constituem nos horizontes das suas significações.

Os objetos do mundo são singulares e contingentes. Universais e necessárias são as suas essências. O papel azul que está sobre a mesa é um objeto singular (é papel) e contingente (pode ser destruído a qualquer momento), mas contém em si a essência ou idéia de papel e a essência da cor azul com que se manifesta. A cor é a essência universal percebida no objeto, uma vez que somente neste ela se manifesta na sua singularidade. Da mesma forma, o som é a essência universal da música que realiza a sua singularidade no violino, no piano ou em qualquer outro instrumento realizador da partitura. Não há música sem sonoridade produzida no âmbito da vida espiritual. Ruído de barulho jamais serão confundidos

com música, uma vez que esta está assentada na combinação de sons que pertence à sonoridade universal produzida a partir da sublimidade do espírito humano ou da espontaneidade da vida dos animais, notadamente dos pássaros. Cada objeto do mundo da vida representa aqui e agora os sentidos universais e necessários do mundo. É isso que foi esquecido ao longo da formação da cultura ocidental. Da vivência particular à vivência universal. Do fenômeno à essência. Do aparecer ao seu significado universal. A articulação dos sentidos do mundo se desenvolve nesse processo descritivo de essências em demanda dos horizontes de significados que envolvem o nosso vivido cotidiano. Descortinar os horizontes do mundo a partir das “coisas” que nos rodeiam, tendo em vista que cada uma delas é fonte de infinitos sentidos que constituem o mundo enquanto totalidade de horizontes.

É neste sentido que o mundo da vida é o objeto originário da Fenomenologia transcendental, porque transcendental é a atitude conducente à sua evidenciação. Somente o espaço da subjetividade transcendental, do eu penso, comporta a reflexão radical sobre o mundo da vida na decifração dos seus enigmas, porque é aí que a razão desempenha a sua função mais fundamental, qual seja, a de esclarecer as relações entre as “coisas” com as quais convivemos diuturnamente e a universalidade dos sentidos delas promanados. É o conjunto de objetos do mundo que nos leva à compreensão do mundo. Cada objeto individual tem seus modos típicos de manifestação. Esses modos de manifestação são suas essências, cuja universalidade anuncia à consciência o que é o objeto. O triângulo é uma figura de três lados Mas este triângulo aqui desenhado neste papel é apenas um objeto ideal presente à minha intencionalidade que representa a idéia ou essência universal de triângulo. Os gregos inventaram as primeiras figuras geométricas para a mensuração da terra. Aliás, o termo geometria significa, literalmente, medida da terra, a despeito de toda sofisticação científica a ela conferida pela

posteridade. Tudo isso para manter a lembrança de que uma coisa são as leis reais que presidem a natureza e das quais cuidam os cientistas dos fatos e outra coisa são as leis ideais que promanam do espírito humano – imunes, sobretudo à idéia de causalidade.

O conceito de mundo da vida – Lebenswelt – convida-nos à tentativa de compreensão do universo total do pensamento fenomenológico instaurado por Husserl. Portanto, acompanhemos aqui uma síntese das idéias que convergem para o entendimento desse conceito. Já vimos que o chamamento ao retorno às “coisas mesmas” é um indício a percorrer todo o itinerário do pensamento husserliano. Voltar às “coisas mesmas”, ao mundo vivido, significa reassumir a vivência primitiva do mundo a partir da doxa, do campo da opinião. É necessário desfazer a oposição entre a doxa e a episteme, entre opinião e ciência, introduzida no pensamento desde a Antiguidade grega, tendo em vista que essa oposição é a responsável pelo ocultamento do mundo da vida, com a progressiva idolatria da razão (episteme) em detrimento do vivido imediato a partir da opinião (doxa). A episteme esqueceu-se da doxa e seguiu o caminho da idealização do mundo pela via da razão fabricadora, deixando em segundo plano os verdadeiros sentidos do mundo da vida. O mundo da vida acabou por ser reduzido a um mundo dominado por fórmulas matemáticas.

Husserl retoma e aprofunda o tema do mundo da vida (Lebenswelt) na obra Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental, na qual realiza uma síntese de todas as suas preocupações – se é que alguma vez o filósofo se preocupou com síntese – certo de que a crise da humanidade européia é a crise da filosofia. A filosofia deveria despertar-se do seu esquecimento do mundo da vida para instaurar-se no seu verdadeiro papel de auto-compreensão da humanidade. Os destinos da humanidade européia estariam confiados aos filósofos, enquanto funcionários

da humanidade, destinados a desempenhar a tarefa infinita de auto-constituição do mundo, ou seja, da sua auto-evidenciação. Não se trata de qualquer negação do papel da razão, da episteme, mas de um convite a uma nova racionalidade capaz de recuperar a doxa e erigir-se numa outra atitude frente ao vivido originário. O que funda a episteme é a doxa. Toda racionalidade imposta ao mundo tem seu enraizamento na intuição imediata do vivido na concretude das suas inter-relações. Mas no desempenho do esforço racionalizante, as ciências foram progressivamente se afastando da doxa e, conseqüentemente, do mundo da vida, transformando-o num universo de objetivizações idealizadas pela razão. Esse objetivismo é a bandeira que inspira as ciências desde a antiguidade grega até aos nossos dias. Diríamos, hoje, que o comportamento das partículas atômicas não constitui mais segredo para a humanidade, bastando observar a objetivização dessas descobertas na vivência do mundo eletrônico na nossa experiência cotidiana. É a idealização objetivizante levada às últimas conseqüências, no artefazer dos objetos com os quais somos obrigados a conviver e lidar, sob pena de uma “marginalização” insuportável. Mas o que é o átomo e porque as suas partículas se comportam desta ou daquela forma pouco importa ao espírito da idealização físico-objetiva através dos processos matemáticos e estatísticos. O mundo eletrônico é um fato construído pelas ciências e está aí para mostrar que o mundo da vida, o a priori material que herdamos pode ser usado de inúmeras maneiras por parte do objetivismo das ciências, até mesmo em direção à sua completa desfiguração como lugar primitivo da vivência da humanidade.

A temática do mundo da vida está intimamente relacionada com a atitude radical assumida pela fenomenologia frente ao mundo idealizado pelas ciências e pela filosofia desde a antiguidade grega, conforme vimos acentuando ao longo deste texto. É necessário alcançar uma verdadeira ciência do espírito capaz de dar conta dos sentidos do mundo da vida, para além da idealização desses infinitos sentidos pela objetivização da técnica que tudo reduz a

objetos universalmente consumíveis e descartáveis. Para tanto, retorno ao mundo da vida, ao mundo primitivo, ao lugar natural das nossas intuições primeiras. Nada contra o mundo inventado pela tecnologia. O que importa é compreender o que ele representa em termos de reorganização da humanidade. Ninguém negaria o fato tecnológico que invadiu o mundo de maneira definitiva. Mas qualquer inteligência mediana estaria assustada com as suas conseqüências, sobretudo em razão da ausência de um telos, de uma finalidade que justificasse a loucura da fabricação tecnológica que atinge o auge da sua realização nos nossos dias. Ora, a atitude radical da fenomenologia consiste precisamente em colocar “entre parênteses” este mundo produzido pelos artificios do objetivismo das tecnociências, bem como o inteiro universo dos objetos do qual partiram as razões idealizantes que o transformaram numa segunda natureza distanciada daquela que herdamos desde os inícios da aventura humana sobre a face da terra. Ou seja, tanto as tecnociências quanto a natureza são reduzidas a fenômenos, enquanto manifestações do mundo da vida, uma vez que cada objeto da nossa vivência está inscrito num universo de objetos a partir dos quais convivemos. Perceber é captar o conjunto de sentidos no campo das singularidades que se articulam enquanto objetos mas que constituem o mundo da experiência originária da qual deriva a visão universal do mundo. Já dissemos que o mundo da vida é constituído de horizontes de sentidos que intuímos a partir das percepções imediatas do nosso vivido, da nossa experiência primitiva do reino da doxa. Esses sentidos ou essências correspondem ao que é específico em cada objeto (a sua invariância) como assinalamento da sua universalidade no conjunto dos demais objetos circundantes na nossa experiência cotidiana.

Assim, a atitude radical da fenomenologia caminha na direção da recuperação do mundo da vida pela via do retorno à doxa, ao vivido imediato, porque somente aí se manifesta a sua estrutura

imediate e universal. Imediata, na medida em que se trata da minha vivência aqui e agora; universal, na medida em que essa vivência originária me conduz a pensar a sua essência, os seus sentidos, cuja universalidade se dirige à compreensão do mundo como totalidade de horizontes de sentidos. A tarefa de recuperação do mundo da vida começa pela recusa da sua idealização por parte das ciências, conforme já vimos. A idealização ou matematização do mundo, obedecendo ao espírito do objetivismo que caracteriza as ciências fisico-objetivas, parte de uma visão ingênua dos objetos do mundo, observados nas suas evidências superficiais como se fossem apenas objetos e não coisas portadoras de infinitos sentidos no contexto em que se encontram. Daí a necessidade da suspensão de nossa crença, da epoché, da abstenção provisória de acreditar nas evidências ingênuas trazidas pelas ciências, a fim de retomar os verdadeiros sentidos do mundo, não a partir de fórmulas lógico-matemáticas, mas a partir das “coisas mesmas” tais como se manifestam à intuição perceptiva. Esta é a atitude radical que tem tudo a ver com o conceito de redução fenomenológica de que já falamos, na qual o mundo e as ciências aparecem como simples fenômenos. Portanto, o mundo da vida é uma premissa, um a priori material, cujos sentidos convergem para uma síntese universal enquanto totalidade de horizontes. Esses horizontes são as estruturas de essências intuídas dos objetos a partir do vivido imediato na concretude do mundo enquanto a priori material, enquanto totalidade de horizontes. Esses horizontes são as estruturas de essências intuídas dos objetos a partir do vivido imediato na concretude do mundo enquanto a priori material, enquanto evidência primeira com validade absoluta.

Resta esboçar a análise da questão mais complexa com a qual se defronta a fenomenologia, qual seja a da comunização do mundo da vida. É o problema da intersubjetividade comunicativa, ou constitutiva, isto é, evidenciadora do mundo da vida. Em princípio, enquanto horizonte universal, o mundo é comum a

todos, pois é o lugar originário da nossa vivência concreta e das nossas percepções imediatas.

Com a epoché, suspendendo provisoriamente a nossa crença na vigência do mundo, colocando-se entre parênteses na prática da redução fenomenológica, encontramos a possibilidade de operar a redução transcendental pela via da interação da consciência com o mundo na sua universalidade. A redução transcendental, recordemos, é a redução do mundo à pureza do pensamento, ao eu penso, ao ego transcendental, à auto-reflexão, em última análise. Mas essa redução não implica nenhuma desvinculação do mundo. Pelo contrário, é a atitude que conduz ao seu esclarecimento originário, à sua auto-evidenciação. Portanto, o mundo da vida é primariamente o mundo da comunicação intersubjetiva que nasce, espontaneamente da vivência do senso comum. É o senso comum que salva a humanidade de desastres mais graves, porque é a base da convivência social, a partir das experiências concordantes que tornam possíveis, na vivência comum, as maneiras de comunicação. Por aí entendemos que a questão da intersubjetividade comunicativa está intimamente articulada com a correlação universal do mundo, pressupondo a sua necessária correlação com a consciência, ou seja, na linguagem husserliana, o mundo “é o correlato da subjetividade que confere o seu sentido de ser e de validade”. Isto significa que o ser e a validade do mundo se esclarecem a partir da interação consciência-mundo enquanto chave matriz da evidenciação do processo histórico-cultural.

Temos o mundo como substrato, como reino das coisas, e o mundo como abertura de horizontes a partir dos quais afirmamos a sua própria indubitabilidade. Os horizontes do mundo esclarecem as dúvidas suscitadas a partir da nossa vivência imediata no universo das coisas que constituem o seu substrato. Não que existam dois mundos distintos. São duas dimensões que caracterizam o Lebenswelt (o

mundo da vida), com uma inter-relação necessária e universal. Vivo esse mundo da vida nas minhas percepções e preocupações cotidianas, além de ser obrigado a trabalhar e produzir alguma coisa revestida de algum valor material ou intelectual para manter a minha subsistência em meio às coisas do mundo. Mas estaremos sempre atentos também à totalidade do mundo configurada na totalidade dos seus horizontes. O que é indubitável, permanece, universal e necessário é o caráter de horizonticidade do mundo percebido a partir da vivência imediata do mundo da vida, na sua mostração a priori. Mundo da experiência é mundo a priori porque somente a partir dele consigo perceber a estrutura universal dos seus horizontes. Antes dos conceitos a priori sobre o mundo constato a existência a priori do mundo da vida. Se desejo idealizá-lo, como fazem as ciências, invento a regra, colocando em primeiro plano o poder legislador da razão e da imaginação científica. Mas se desejo conhecê-lo com toda a evidência, retomo-o como o a priori absoluto, porque dele emanam todas as minhas vivências. Sendo correlato da consciência (intencionalidade) o mundo da vida é o lugar de todo diálogo universal e, conseqüentemente, de toda comunicação possível. E é a comunicação que interliga as subjetividades transcendentais no processo de evidenciação da objetividade do mundo. Ou seja, o ego puro ou transcendental me remete à evidência de um mundo comum a todos pela via da intersubjetividade comunicativa que se expressa na linguagem. Do mundo da vida, enquanto a priori material, ao ego transcendental, enquanto lugar da evidenciação e da comunicação. O mesmo que dizer: redução do fático ao eidético e do eidético ao transcendental no caminho da comunização do mundo, tornando o mundo comum a todos. Mas como compreender e interpretar tudo isso? Eis a questão!

O mundo da vida exige, naturalmente, infinitas interpretações oriundas das inesgotáveis percepções dos seus objetos, conforme já vimos. Essas interpretações nos conduzem à explicitação dos

horizontes do mundo percebidos a partir dos sentidos dos objetos. O mundo da vida é o mundo dado a priori como, em princípio, comum e idêntico para todos nós. A linguagem torna possível a comunicação e esta se realiza dentro de possibilidades discursivas elaboradas no plano da argumentação, sustentada na racionalidade prática que tenta manter a obrigatoriedade da coexistência. Mas o homem é o único ser que se constitui em problema para si mesmo. E nesse itinerário, o mundo é para ele o problema absoluto. Daí, talvez, o nascimento da filosofia e das ciências: o mundo como problema e o homem como problema. E a questão mais relevante diz respeito à intersubjetividade comunicativa da qual depende a própria objetividade do mundo. Este mundo que é idêntico para todos está sujeito à atividade evidenciadora da subjetividade transcendental. Mas existe uma distância entre subjetividade e inter-subjetividade. A evidenciação da objetividade do mundo depende da transposição dessa barreira. E essa barreira só pode ser transposta pela via linguagem. A percepção das coisas do mundo da vida enquanto horizontes de sentidos ou essências nos leva a compreender o mundo como totalidade de horizontes e não como totalidade de objetos, conforme já vimos, mas, ao mesmo tempo, nos transporta para o reino da comunicação. Como tornar possível a comunicação das consciências? Tantas são as teorias em torno dessa questão que nos deixam atônitos frente a uma questão elementar: posso ou não me comunicar com o “outro” de maneira originária? Diria que a comunicação originária implicaria o intercâmbio originário das consciências que, por sua vez, levaria a uma socialidade originária. Essa é uma ilusão a ser abandonada, uma vez que cada ego é uma mônada, uma unidade impemetrável.

Portanto, a questão da intersubjetividade só pode ser entendida a partir de experiências concordantes, não somente no plano das relações inter-corporais mas, também na ordem da subjetividade transcendental evidenciadora do mundo da vida.

Ou seja, desde a experiência do mundo da vida percebemos os seus modos primitivos de manifestação e captamos as essências desse vivido no seu dado imediato. Mas essa experiência imediata não garante a universalidade compreensiva dos seus sentidos, das suas essências. Daí o caminho da objetividade à subjetividade, do mundo da vida ao reino do espaço transcendental do “eu penso”, capaz de esclarecer a dialética consciência – mundo pela via auto-reflexão sobre as suas essências. O que garante a universalidade ou o valor universal do conhecimento do mundo da vida é caráter de universalidade das essências que fortalece o campo da comunicação, posto que espelham os sentidos que descobrimos no reino dos objetos que constituem a ambiência da nossa vida cotidiana. É na ordem transcendental ou do eu puro, repetimos, que o mundo se torna evidente para nós, enquanto idêntico para todos. Comunicação perfeita só no reino das idealidades incorporais. Mundo da vida é o mundo corpóreo e espiritual que vivenciamos na temporalidade. Ver fenomenologicamente este mundo significa redescobri-lo para além de todos os significados a ele impostos pela civilização ocidental. E é a essa tarefa que nos convoca o modo fenomenológico de pensar. Se o nosso espírito está satisfeito com este mundo representado pelas tecnociências originárias do processo de idealização/representação da realidade que se desenvolve desde Platão e Aristóteles, tudo bem. Continuemos na ingenuidade representativa do mundo, sem qualquer interrogação sobre os seus sentidos, cientes de que o desencanto do mundo decorre da vaziez de telos, e de finalidade. Mas se queremos uma destinação distinta para a humanidade não resta outro caminho senão o da interrogação sobre outros sentidos a serem descobertos a partir do mundo da vida, principalmente aqueles atinentes à própria existência humana. Ou seja, a fenomenologia é um convite à redescoberta dos sentidos do mundo e da existência humana.

